

## HISTÓRIA E MEMÓRIA EM METÁFORAS COTIDIANAS

Magnay Erick Cavalcante **SOARES**<sup>1</sup>  
Prof. Dr. Onireves Monteiro de **CASTRO**<sup>2</sup>  
Eliene Nunes **FERREIRA**<sup>3</sup>

### Introdução

Iniciamos a nossa abordagem fazendo menção a metáfora que, na literatura, tem sido reclamada como essencial na figuração do significado. Ao longo da história da humanidade, a interação do homem com o meio e, conseqüentemente, a busca de explicações para os fenômenos que lhe apareciam fez com que ele usasse os elementos lingüísticos para a criação de conceitos variados, e assim os processos de metaforização foram e o são úteis para a criação de sentido. Ao que parece atualmente no mundo da ciência, é da competência da semântica estabelecer as referências e descrição do significado dos vocábulos, considerando-os em seus contextos usuais. Tal afirmativa ainda não pode ser totalmente satisfatória como marco final de abordagem de uma semântica exclusiva do sentido ou significado. De certo, o termo significado carece ainda de uma melhor determinação, haja vista a multiplicidade de sentidos que se pode atribuir a ele.

Os estudos semânticos, mesmo que apontando para pólos heterogêneos, especialmente no tratamento do significado contextual dado aos vocábulos, servem de base para o nosso intento de pretender mostrar as referências metafóricas em discursos cotidianos convencionais. Para tanto, partimos do pressuposto de que a memória discursiva dos usuários da língua é o ponto de consideração maior para a manutenção das relações de sentido, garantindo a renovação (atualização) do processo comunicativo entre os sujeitos discursivos.

Para efeito de construção teórica do trabalho a que nos propomos realizar, consideramos a noção de significado como apreendida a partir da referência constitutiva da linguagem ou mesmo da crença desta, como jogo argumentativo. Observamos os

---

<sup>1</sup> Aluno do Curso de Licenciatura Plena em Letras da Universidade Federal de Campina Grande/CFP e Bolsista/Pesquisador da UFCG/PIBIC/CNPq.

<sup>2</sup> Professor da Unidade Acadêmica de Letras da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) e doutor em Língua Portuguesa e Lingüística pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB).

<sup>3</sup> Aluna do Curso de Licenciatura Plena em Letras da Universidade Federal de Campina Grande/CFP.

fenômenos lingüísticos a partir dos ditames da semântica para, em seguida, fazermos ancoragens na Análise de Discurso, especialmente enfocando a metáfora como o elemento essencial e facilitador da nossa interação “com o mundo em termos de construções, e não de uma maneira mais ou menos ‘direta’, ou imediata” (BAUER e GASKELL, 2002, p. 248).

Os significados das construções metafóricas serão admitidos como naturais e advindos da experiência prática de nossas interações cotidianas.

### **Como tem sido definido o significado**

O estudo do significado não é específico apenas da lingüística, mas de todas as ciências se considerarmos em si, que cada qual tenha algo a definir mesmo que sob ângulos distintos e, por vezes contrários. Cada uma, a seu modo, busca interpretar e dar sentido aos seus postulados.

As pessoas interagem logicamente usando a linguagem de forma simbólica nas trocas cotidianas e, desse modo, vão dando sentidos aos seus dizeres e criando os espaços de memória em função da construção histórica do seu dizer, atualizado ou não, nos contextos lingüísticos usuais.

Como estabelecido em Oliveira (apud. MUSSALIM e BENTES, 2001, p.17) a questão do significado “transborda as próprias fronteiras da lingüística, porque (...) está fortemente vinculado à questão do conhecimento”.

Tal noção nos força entender o significado como vinculado a um ponto de vista que o usuário da língua tende em adotar sobre o fato narrado, conhecido ou não, mas disponível em termos de fenômeno e conhecimento. De igual modo, faz-nos inferir a existência de um consenso entre os semanticistas quanto ao entendimento do termo significado, considerado de múltiplas faces e empregos (usos).

No início do século XX, a idéia de sentido, especialmente de ordem semântica, começou por focar a natureza psicológica da linguagem, relacionando-a a fenômenos históricos, sociais e também culturais. Percebe-se, a partir do que postulou Jost Trier (mais ou menos em 1931) que os estudos semânticos poderiam se pautar em termos de manifestações de conhecimento e inteligência dos usuários. Ao que se sabe, Jost Trier

idealizou o que se chama hoje de *Campos Semânticos*, marcando a inserção dos estudos semânticos nos princípios saussurianos.

De igual modo, com Whorf a semântica moderna se instaura como mecanismo de estudo da linguagem e do pensamento. É importante ressaltar nessa tendência uma vertente mais histórica em contraposição à lexicologia, que prima por explicar e classificar as mudanças de significação que sofrem as palavras com o decorrer do tempo (Cf. BORBA, 1973).

Grosso modo, importa observar se realmente os sentidos metafóricos residem no fato de os usuários fazerem aflorar e/ou ativar em suas mentes conceitos operativos imediatamente vinculados à significação metafórica e/ou metaforizada, isto é, conceito que se refere ao significado que se quer expressar diretamente, sem recorrer aos conceitos metafóricos, sócio-culturalmente estabelecidos. Dessa idéia compartilham Steen (1994) e Langaker (1998), que diferentemente de Lakoff e Johnson (1980), admitem que as pessoas podem compreender as metáforas convencionais diretamente (...) sem recorrerem aos conceitos metafóricos.

### **Um conceito de metáfora**

A metáfora pode designar sentidos ou denominações distintas para um mesmo fenômeno ou objeto. Segundo Charaudeau e Maingueneau (2004, p.328), a metáfora é “uma substituição de palavra por analogia, frequentemente ligada a uma comparação” e igualmente, consideram-na como: i) metáfora discursiva, oposta à metonímia, imediatamente perceptível como isotopia, isto é, “propriedade característica de uma unidade semântica que permite apreender um discurso como um todo de significação (...) (DUBOIS, *et.al.*, 1993, p.355)”; e ii) metáfora trópica, que diz respeito a modificação de conteúdo semântico do termo metaforizado (Cf. CHARAUDEAU e MAINGUENEAU, 2004, p.329).

Por sua vez, Lakoff e Johnson (op. cit.) consideram a metáfora conceptual como aquela a partir da qual o processo lógico (de construção de sentido) se estrutura lexicalmente. Por sua vez, Moura (2003, p.01) considera a metáfora conceptual como relativa à nossa forma de organização e “o nosso modo de representação e categorização do mundo”.

As metáforas convencionais são aquelas especificadas e condicionadas aos contextos sócio-culturais, nos quais os usuários da linguagem verbal interagem.

### **Metáfora, História e Memória**

As interações cotidianas (eminentemente verbais) determinam espaços temáticos nos quais os indivíduos processam informações lingüísticas, observando-se o contexto histórico no qual atuam. Os significados que constroem são novos, mas a base está na memória discursiva que é constitutiva, nos sujeitos, a partir da história. O saber instaurado pela memória discursiva estabelece a relação dessa memória com a maneira constitutiva na qual a textualidade (verbal humana) estabelece a diacronia (Cf. (CHARAUDEAU & MAINGUENEAU, 2004, p.325).

Na relação memória e história, observa-se que o discurso é também influenciado pela memória de outros discursos, onde “cada interação é, de fato, um episódio de uma unidade mais vasta, a da sucessão de interações, que já ocorreram entre os interactantes (op.cit. p.325)”.

Observa-se, como bem salienta Brandão em *Introdução à análise do discurso* (s/d, 7º, p.77), que é pela memória discursiva que todas as formulações enunciadas pelos sujeitos são, de algum modo, possíveis e de certo a memória “supõe o enunciado inscrito na história”.

### **Contextos metafóricos**

Para tratar das relações metafóricas em discursos cotidianos, o nosso interesse no estudo está sendo efetivado em torno de quatro contextualizações discursivas, coletadas, previamente, dentre outras que compõem um quadro de amostragem, a partir de interações corriqueiras no contexto universitário, para ilustrar o nosso dizer. Vale ressaltar que a coleta aqui referida serve a outros propósitos de pesquisa em termos de linguagem no contexto universitário.

As contextualizações discursivas são referências singulares do espaço social que orienta a nossa construção de sentido a partir da materialidade interativa com a qual lidamos cotidianamente. BAUER e GASKELL (op. cit., p. 248-250) enfatizam que

somos como figurantes de um espaço social e nos orientamos pelo contexto interpretativo de nossas construções discursivas.

Observando tais relações de contexto e uso para o analista de discurso é importante lembrar que:

Ações ou funções não devem ser pensadas em termos cognitivos, por exemplo, como relacionadas às intenções de alguém; muitas vezes elas podem ser globais ou ideológicas, e são melhor pensadas como práticas culturais, do que como confinadas na cabeça de alguém. Os analistas de discurso argumentam que todo discurso é circunstancial (BAUER e GASKELL, op. cit. p. 249).

Ajustamos a nossa relação interativa por meio das metáforas abstraídas do contexto com o qual vivenciamos para atualizarmos o discurso cotidiano.

### **Análise do Corpus**

Como dito anteriormente, dentre um corpus mais amplo de contextualizações metafóricas, selecionamos quatro delas que passaremos a dar a conhecer algumas análises possíveis.

Lembramos que as impressões aqui postas em termos de análise são, na verdade, formas de elucidação de sentidos construídos historicamente nas trocas cotidianas e que, por se inserirem no espaço social dos usuários da língua, permanecem também no meio universitário do modo mais corriqueiro possível.

### **## Correr atrás do prejuízo**

Ex.: Sei que preciso 'correr atrás do prejuízo'.

#### **→ Domínio**

No domínio lakoffiano essa metáfora pode ser alocada no hall daquelas que determinam transposição, isto é, de um espaço a outro, ou de um lugar para outro, de um estado para outro. Podemos, então, inferir que ela tenha como referência de sentido:

- a) Tentar recuperar o tempo perdido;
- b) Estudar mais;
- c) Revisar conteúdos em pouco tempo;

### → Conceito

Quando lançamos mão da metáfora '*correr atrás do prejuízo*' para definir essa ou aquela forma de comportamento de alguém, acionamos conceitos de mundo em termos de nossa experiência de vida, indicando uma certa transposição, isto é, de um ponto para outro ou de um estado para outro. Neste caso, pode ser a inferência analógica entre a condição de estagnação do indivíduo para um estado de bonança. De igual modo, pode indicar um estado de evolução em relação a alguma carência, por exemplo, a falta de conhecimento. Em outras palavras, sair do estado de inércia para buscar melhoria em relação ao seu estado acadêmico atual.

O domínio de escolha do sujeito marcado pela ação verbal *correr* implica não apenas uma ação de movimento, mas também é considerada uma suposta inferência do sujeito discursivo a respeito da necessidade de mudança de hábito, de atitude em relação a sua condição atual.

### ## Um chove não molha

Ex.: Esse professor fica num '*chove não molha*', não sai do canto.

### → Domínio

O domínio resgatado a partir da metáfora acima é de estagnação ou circularidade, sendo possíveis algumas abstrações, a saber:

- a) Tentar avançar e não sair do lugar;
- b) Buscar exaustivamente esclarecer um conceito e não conseguir;
- c) Andar em círculos.

### → Conceito

O domínio remete a condição de inoperância da proposta objetiva que o professor ou o informante propunha, mas não consegue estabelecer avanços significativos para elucidar o conceito. '*Chove não molha*' significa tentar esclarecer uma idéia e não chegar a um lugar ou denominador mais específico.

A condição de movimento é estabelecida com relação às várias tentativas que o informante pode apresentar sem que consiga avançar, isto é, sair de um ponto do argumento mais superficial para um mais profundo.

O aluno, ao usar tal metáfora, parece demonstrar em seu descontentamento a percepção de que o informante não tem condição suficiente para manter-se em movimento linear, enquanto formulador de conceito na academia. ‘*Chove não molha*’ é, por tanto, uma referência histórica de descontentamento.

### **## Enchendo lingüiça**

Ex.: Nesse trabalho terminei ‘*enchendo lingüiça*’.

#### **→ Domínio**

O domínio remete a condição de o sujeito não acrescentar algo mais significativo ao já posto em seu dizer, portanto, pode ainda estar em referência ao domínio, segundo o qual, o movimento empregado no sentido verbal ser nulo em termos de acréscimo de conhecimento mais significativo.

- a) Preencher, com o discurso pouco significativo, espaços considerados “vazios”;
- b) Escrever ou falar sem acrescentar algo mais significativo em termos de cientificidade ou descrição do fenômeno;
- c) Usar da quantidade sem nada acrescentar à qualidade.

#### **→ Conceito**

A metáfora em análise sugere que, na tentativa de se cumprir com as solicitações dos professores quanto a atividades acadêmicas de produção textual, alguns alunos muitas vezes diante da falta de domínio de conteúdo ou mesmo de vocabulário procura preencher espaços vazios com um discurso nulo, ou seja, primando pela quantidade e prejudicando, em alguns casos, a qualidade de sua produção. O sujeito discursivo parece ter consciência de sua pouca qualidade, mesmo assim negligencia o fato, não procurando alternativas de superação da deficiência.

Por outro lado, ‘*encher lingüiça*’ pode ser a condição de o aluno utilizar este artifício para compor trabalhos e elaborar idéias no sentido de galgar espaço e obtenção de nota, sabendo que em alguns casos a quantidade implica melhor nota dada por determinado professor.

## **## Estar voando**

Ex.: Os alunos 'estão voando' nesse assunto.

### **→ Domínio**

O domínio remete a condição do sujeito não deter conhecimento suficiente sobre um determinado assunto, prejudicando assim seu entendimento do mesmo. Outras contextualizações metafóricas podem ser resgatadas a partir da metáfora em análise, a saber:

- a) Não conseguir entender o que está sendo exposto;
- b) Demonstrar dificuldades de entendimento quando da verbalização de elementos formais das idéias que estavam sendo tratadas em termos de teoria;
- c) Não ter noção clara do que está sendo dito, isto é, referência de sentido nulo.

### **→ Conceito**

Em contexto de sala de aula, é possível encontrar alunos, que devido não terem feito leituras prévias sobre determinado assunto, encontrem dificuldades para acompanhar o raciocínio do informante. Desse modo, a falta de conhecimentos prévios parece comprometer a assimilação dos novos conhecimentos. Isto implica inferir que o grau de dificuldade de alguns alunos pode agravar, inclusive, a sua permanência regular em determinadas disciplinas do currículo.

## **Conclusão**

No contexto de observação das metáforas convencionais, o que dissemos anteriormente, pode nos dar impressões sobre os processos de identificação e/ou classificação de metáforas, considerando o sujeito em interação.

É importante observar que os sentidos são, ou podem ser decodificados pelos sujeitos de forma automática e inconsciente, não só no trato cotidiano da atividade comum, assim como também no contexto universitário. De algum modo, o sentido de referência do significado pode ser implícito aos sujeitos, ou mesmo refletido por eles e considerado inadequado ao contexto de uso. Esse parece ser o caso do aluno que não interage de forma produtiva com o conhecimento esperado no meio universitário. Tal



fato é evidenciado pelo uso da metáfora ‘*estar voando*’. Finalmente, a compreensão das metáforas remete a conclusão do ato informativo, como símbolo da finalidade específica para a qual foi empregada pelo sujeito discursivo, não implicando se o espaço temático é de maior ou menor grau de cientificidade.

Por fim, os resultados apontam para o uso de expressões metafóricas no meio universitário como forma de abstração de conceitos complexos ou correspondentes analógicos (e anafóricos) de termos mais científicos. Mesmo os interactantes universitários não se apercebendo do uso das metáforas convencionais, estão acostumados a lidar com elas para melhor compreender conteúdos ou fazer relações significativas para a abstração de conceitos.

---

### **Referências bibliográficas**

BAUER, Martin W. e GASKELL, George. *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. Petrópolis: Vozes, 2002.

BORBA, Francisco da Silva. *Introdução aos estudos lingüísticos*. São Paulo: COMPANHIA EDITORA NACIONAL, 1984.

BRANDÃO, Helena H. Nagamine. *Introdução à análise do discurso*. Campinas-SP: Editora da UNICAMP, S/D.

BUENO, Silveira. *Dicionário*. São Paulo: Editora Didática Paulista, S/D.

CHARAUDEAU, P. & MAINGUENEAU, D. *Dicionário de análise do discurso*. São Paulo: Contexto, 2004.

DUBIOS, Jean et al. *Dicionário de lingüística*. São Paulo: Cultrix, 1993.

LAKOFF, G. & JOHNSON, M. *Metáforas da vida cotidiana*. Campinas-SP: Mercado de Letras, 2002.

MUSSALIM, Fernanda & BENTES, Anna Christina. *Introdução à lingüística: fundamentos epistemológicos*. Vol. 3. 2.ed. São Paulo: Cortez, 2005.

STEEN, G. *Understanding metaphor in literature*. London: Longman, 1994.